

Um salão de possibilidades: Cabelos de Angel Braids¹

Maria Eduarda Figueredo de Oliveira²

RESUMO

Pesquisar em um salão familiar, de início parecia uma fácil missão. Até ser confrontada por questões que escapavam à minha percepção enquanto cliente (Velho, 1978). Retornar, como cliente e pesquisadora, permitiu uma aproximação com Luiza, trancista e proprietária do salão e sua equipe, além de atentar meu olhar para a cultura material do salão e relativa aos cabelos. Cabelos esses que chegam, que saem e que permanecem nesses espaços. Alguns são sintéticos. Outros ficam guardados esperando o momento de a cliente chegar para que possam ser trançados. Outros ainda chegam desembaraçados e trançados em um coque. E há aqueles apenas presos e cobertos por touca de cetim ou capuz. Apesar dessas diferenças, eles têm algo em comum: estão ali para serem modificados e manuseados. Essas sutilezas me moveram a investigar o cabelo e suas agências. A presente pesquisa é fruto do trabalho de campo etnográfico que vem sendo conduzido ao longo da minha atuação enquanto bolsista de Iniciação Científica desde o segundo semestre de 2023. A discussão em questão parte da relação entre a cultura e as aprendizagens geradas e sociabilizadas. Neste artigo, investigo essa relação através de um convite para a elaboração de uma "Trança do Brasil".

Palavras-Chave: Cabelos, aprendizagens, estéticas.

1. INTRODUÇÃO

O interesse de voltar um olhar etnográfico atento para as tranças feitas exclusivamente para torcer para o Brasil nos jogos da copa do mundo faz parte de minhas observações das redes sociais e uma crescente demanda de trancistas aderindo a modelos com desenhos ou enfeites que remetem ao Brasil, e com isso surge a questão norteadora: “Como a aprendizagem não escolar se apresenta nesse espaço onde por muitas vezes a trancista precisa atender com rapidez uma proposta de penteado nunca feito antes, como a contida no desafio de *demonstrar a brasilidade?*. Acompanho muitas trancistas em redes sociais e todas elas,

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Trancista, graduanda no Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica pelo Cnpq

para vender seus cursos, dizem que não aprenderam de primeira e que a perfeição demorou a chegar. Sendo assim, busco saber também, como as trancistas aprendem e não apenas o que elas aprendem (Ana Gomes et al, 2012 apud Lave 2015).

Dado o fato da minha atuação prévia como trancista, foi necessário que, enquanto investigadora, eu passasse a observar o familiar sabendo lidar com a proximidade. Levando em consideração que o universo que nos é familiar não significa termos sobre ele conhecimento profundo, devemos nos dispor de modo a ele ser cada vez mais conhecido (Velho, 1978). O motivo inicial desta pesquisa partiu do objetivo de compreender a relação entre as crianças e seus cabelos. No entanto, ao dar início ao trabalho de campo, fui levada a observar outras relações e questões que emergiram em conversas tanto com minha interlocutora Luiza, a dona do salão de tranças onde conduziria minha pesquisa, quanto com suas clientes. Início a investigação no salão assumindo a perspectiva etnográfica a partir da minha vivência enquanto jovem negra e as diversas modificações capilares pelas quais passei, que variam entre o relaxamento, tintura, cortes e diferentes trançados.

Com o tempo, diversas questões voltadas à beleza e à estética me fizeram cogitar se as tranças de mulheres negras podem influenciar na autoestima e serem importantes aliadas na conquista de autoconfiança e empoderamento. Através das minhas visitas ao salão, algumas vezes também como cliente, pude me desfazer de muitas concepções e me voltar para aquilo que o campo etnográfico me mostrava. Percebi que nem todo cliente tinha problema com a autoestima ou a autoconfiança e assim, assumindo também uma perspectiva antropológica pude analisar esses fatos evitando que minhas constatações, advindas de experiências pessoais, tivessem papel determinante. Nem sempre o foco de um cliente é esconder seu cabelo, às vezes parte de um desejo de causar estranhamento. As clientes de Luiza usam as tranças também como forma de autodefinição e promoção de uma nova consciência racial, através de seus cabelos elas estimulam uma tomada de consciência expressando a publicamente, e assim fomentando sua resistência. (Collins, 2019). A autodefinição parte de uma necessidade de mulheres negras de entender como as opressões construíram lugares sociais de exclusão, e mesmo sem pensar nesses conceitos, elas usam seus cabelos para expressar que também são dignas de ocupar diferentes espaços sem a necessidade de padronização de seus corpos. (Collins, 2019 apud Ribeiro, 2019).

A partir de observação participante conduzida no cotidiano do salão de tranças localizado em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro analiso como acontece e como são criadas as

buscas pelo embelezamento, as materialidades que as envolvem, considerando sua importância, e as aprendizagens que colocam em relação trancista/pesquisadora, trancista/cliente, cliente/cliente ou cliente/trancista. Por fim, analiso as redes de conexão que se estabelecem através daquele espaço, tendo em vista que Luiza também oferece *workshops*. A estética negra pode ser definida como produto de uma constante busca pela diferença; as tranças e as variadas extensões que são produzidas no salão são uma forma de materializar essa busca por meio da produção de uma identidade negra Mizrahi (2019). Sendo assim, busco compreender como esses processos se engendram e qual é o papel de Luiza nessa construção.

2. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: TORNANDO O FAMILIAR CADA VEZ MAIS CONHECIDO

Para execução da presente pesquisa, realizo observação participante no salão Angel Braids, localizado na favela da Rocinha, Zona Sul do Rio de Janeiro. Como cliente, eu já frequentava o salão com uma certa assiduidade. Por este motivo, eu era familiarizada com sua estrutura física: instalado em uma *kitnet*, um tipo de casa ou apartamento compacto muito presente em favelas do Rio de Janeiro composto por sala, cozinha e quarto a formarem um mesmo ambiente, tendo apenas no banheiro um cômodo à parte. Luiza alugou o imóvel, situado em um pequeno prédio na parte baixa da favela da Rocinha, já com o intuito de estabelecer ali um salão de beleza.

Ao entrar, nos deparamos com uma pequena cozinha, que tem seu acesso restrito por uma cortina. Ao virar à direita, chegamos na sala de atendimento, que possui três espelhos e três cadeiras, e por fim um banheiro. O salão, talvez por ser pequeno, sempre foi muito aconchegante. O espaço conta com ar-condicionado e está sempre limpo. Antes, possuía as cores azul e rosa como destaque. Atualmente, Luiza trouxe as cores preto e cinza para evidenciar suas referências: os *lambe-lambe* decoram as paredes em torno dos espelhos, com imagens de diversas pessoas negras, executando diferentes funções: um jogador de basquete; uma mulher apenas de toalha na cabeça e roupão, segurando uma taça, nos permitindo ver suas unhas grandes e douradas; uma mulher trançando outra mulher; diversas outras imagens demonstrando afetividade, cuidado, ostentação e cultura negra. Pensando na aprendizagem que acontece a partir de contextos reais, sem dissociar e isolar esses dois âmbitos, passei a acompanhar Luiza, com isso, além de perceber que a manuseabilidade dos cabelos permite um contato entre trancista e cliente que alcançam a autoestima, emergiram questões relativas a gênero, raça, status social e diversos outros assuntos. Uma das minhas últimas idas ao salão

se deu para atender Luiza em sua necessidade de uma modelo na qual pudesse fazer uma trança que remetesse à alguma representação do Brasil.

Em uma quinta feira, por volta das 13:00 hr. da tarde, vejo em meu celular cerca de 10 notificações de mensagens de Luiza encaminhadas para o meu whatsapp. Eu estava almoçando e só vi as mensagens de fato cerca de dez minutos depois de sua chegada. Ao ligar o celular e começar a ler as mensagens, entendi que Luiza estava precisando urgentemente de uma modelo para trançar seu cabelo. Uma repórter do jornal Extra a convidou para uma entrevista e ela precisava de fotos fazendo uma "trança do Brasil ou algo do tipo". Nas mensagens Luiza disse: "tem que ser você". Em meio às mensagens também foi possível notar uma chamada perdida. Ao terminar de ler tudo, respondo mais do que depressa à Luiza e explico que durante a tarde eu teria encontro com o grupo de pesquisa ao qual sou vinculada, mas se fosse necessário eu poderia explicar o motivo da minha ausência para a minha orientadora.

Sem esperar por sua resposta, eu ligo para Luiza, que não atende. Por volta de 20 min depois, eu ligo novamente, e na conversa ajustamos os horários. Luiza pede para que eu leve uma blusa do Brasil, além de acessórios e maquiagens. E assim eu faço. Separo tudo, coloco em uma bolsa e parto para o salão. Ao chegar, sou recebida por Malu, trancista que também trabalha ali. Malu está vestida com uma blusa de tricot, calça jeans preta com alguns grandes bolsos e tênis claro. Ao chegar no salão, percebo que Luiza ainda está finalizando o cabelo de outra cliente. Ela está vestida com uma blusa rosa de botões e estampada por desenhos de pessoas negras e short de lycra preto e curto. Essa vestimenta me chama a atenção, já que ela diz que sempre que atende homens evita usar roupas que exponham demais o seu corpo, como short curtos, cropeds ou blusas decotadas. De fato, nas outras vezes em que eu estive no salão, ela estava de calça. Portanto, este foi um indício de que naquele dia todas as suas clientes foram mulheres.

Luiza instrui a Malu a começar a repartir meu cabelo. Esse processo foi feito com calma e com algumas pausas, pois estavam arrumando o espaço para a gravação do conteúdo que seria enviado para a jornalista do Jornal Extra. Enquanto repartem o meu cabelo, elas discutem sobre o modelo que terá a trança. Malu diz: "Luiza, você também trouxe a blusa né?", se referindo a uma blusa de tricot do Brasil. Luiza diz que sim, diz que "vai parecer" que as duas estão de uniforme. Elas me mostram um modelo de trança e pedem para que eu ajude a procurar mais inspirações. Luiza demonstra seu incômodo em copiar o trabalho de uma artista. Ela diz: "cara, nós somos concorrentes né? a gente trabalha na mesma área". E

assim começamos a busca por mais referências para misturar. Eu sugiro que a melhor solução seria a Luiza fazer no *freestyle*, ou seja, ir repartindo e criando na hora, pois a ideia dela seria mais original do que procurar diferentes referências.

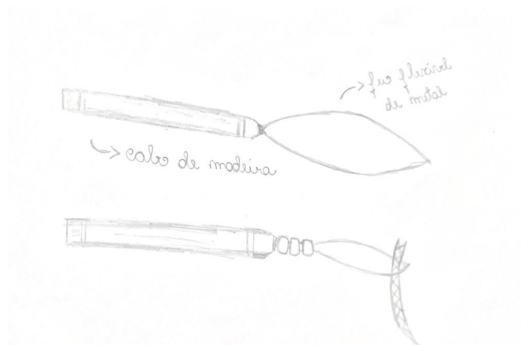
Ao começar a trançar, Malu fica responsável pelas tranças soltas na parte de trás da minha cabeça. Ela já havia dividido meu cabelo em grandes retângulos e depois subdividido em quadrados de maneira que ficassem intercalados. Luiza começa a repartir para fazer os desenhos na parte frontal começando pelo lado da orelha direita, ao passo que Malu inicia seu trançado pela parte esquerda da minha nuca para que assim elas não se encontrem. Primeiro, Luiza reparte todos os desenhos para depois começar a trançar, e ao chegar no topo da minha cabeça e pensar no desenho que seria elaborado naquela parte, Luiza começa a repartir uma ondulações e diz “O bom que na Duda a gente pode sair do padrão”. Esse comentário veio logo após eu mesma ter dito que “queria muito” fazer *gypsy braids*. Mas como todo mundo estava fazendo aquele padrão e eu sempre opto por testar coisas diferentes, não levei adiante a ideia. Luiza acrescenta que “*gypsy*”³ ela já sabe fazer “de olhos fechados”. Usa um tom de cansaço como se para indicar que não aguenta mais fazer aquele penteado. Então esse “sair do padrão” junto à sua afirmação, feita ainda em sua mensagem de whatsapp, que “tem que ser você”, evidencia o apreço de Luiza pela inventividade. Ela gosta de fazer coisas diferentes, de ser desafiada a fazer coisas novas e sair do padrão do dia a dia. Para a finalização das tranças, Luiza optou por enfeitar o penteado com miçangas nas cores da bandeira do Brasil adornando em amarelo, azul, branco e verde as pontas das mechas trançadas. Com o auxílio de um instrumento, ilustrado na imagem 1, com o cabo de madeira e a agulha feita de um fio de metal, ela insere o número desejado de miçangas pela extremidade final da mecha, prende a trança na ponta desse utensílio e as puxa em direção ao cabelo. Depois, é feito o ajuste do comprimento do cabelo. Nesse caso, deixam-no na altura dos meus ombros, cortando a sobra de trança ao mesmo tempo segurando as miçangas com as mãos para que elas não caiam. Por fim, conforme o exibido na imagem 2, recorrendo a um isqueiro comum, do tipo Bic, Luiza e Malu queimam a ponta das tranças, e amassando com o próprio isqueiro ou com os seus dedos, pressionam a extremidade do cabelo contra a última conta, para que fique rente, como se observa na imagem 3. A ponta da trança derretida cria

³ Gypsy braids, utiliza a técnica knottles que na tradução literal significa “tranças sem nó” ou seja, são uma variação moderna das tradicionais *box braids*/tranças soltas, na trança sem nó na raiz o cabelo sintético é adicionado aos poucos, começando a trançar apenas com o cabelo natural e o material é adicionado em seguida, criando uma transição suave, e ela se torna Gypsy quando são adicionados cachos ao longo da trança.

uma textura parecida com cola. As técnicas que ela desenvolve para atender às suas próprias demandas por “fazer coisas novas” me permitem identificar a criatividade que está na base de suas atividades profissionais. .

Ao realizar esse processo em algumas tranças eu percebo que às vezes Luiza acaba queimando o dedo, o que a leva a sacudir rapidamente a mão para esfriar e evitar criar um machucado. Eu brinco dizendo que futuramente ela não terá mais digital. Ela ri e diz que assim é mais rápido.

Imagem 1 - Passador de miçangas



Oliveira, 2026.

Imagem 2 - Processo de queima de ponta da trança.



Oliveira, 2026.

Imagem 3 - Processo de selagem da ponta queimada.



Oliveira, 2026.

3. A VIDA QUE ACONTECE DENTRO DO SALÃO

Luiza, sempre foi uma pessoa muito receptiva. Nunca tive a percepção que minha presença poderia ser um problema para ela no seu espaço de trabalho, mesmo sendo este formado em um ambiente pequeno. Em épocas de muito movimento, ela costuma solicitar a suas clientes que não venham acompanhadas, em função do espaço reduzido. Por esse motivo, eu sempre preferi não frequentar o salão nessas épocas e assim evitar ocupar um espaço que poderia ser de uma cliente. Em umas de nossas conversas, falei à Luiza sobre esse meu receio – de acabar atrapalhando seu trabalho em momentos mais movimentados – e ela disse que eu era sempre bem-vinda e que a minha presença não seria um problema.

Luiza atende diversos perfis de clientes em seu salão. Dentre esses perfis, alguns que me chamaram a atenção são os relativos a homens estrangeiros, os “homens gringos”, sobre os quais ela uma vez disse: “Um gringo marcou a trança e chegou aqui todo sujo de areia, você acha que eu vou ligar”? Eu a questioneei perguntando se nesses casos ela cobra para lavar e ela me respondeu, dizendo : “Nem eles ligam, Duda! Ele marcou a trança e foi para a praia, e amanhã vai estar mergulhando de novo!” O procedimento padrão de Luiza, e da maioria das trancistas, é pedir para que os cabelos cheguem limpos, secos e desembaraçados para um melhor resultado. Cabelos que chegam de acordo com essas recomendações ajudam a trancista a produzir o cabelo com mais rapidez por estar desembaraçado, mais firme pois estará seco e a pomada não irá escorregar em contato com o cabelo molhado e limpo, aumentando a durabilidade do penteado acumulando menos caspa e resíduos. Em muitos estabelecimentos, quando o cabelo chega diferente do solicitado é cobrado um valor adicional para a realização da lavagem. Mas Luiza entende que a o resultado que as clientes assíduas

esperam não é o mesmo do que o dos "gringos" que estão apenas em busca de uma experiência.

CONCLUSÃO

Luiza evidencia a relação entre a aprendizagem não escolarizada e os processos criativos ao passo que utiliza de suas próprias ferramentas para a elaboração de novos penteados. A partir de opiniões de suas clientes, vídeos de gringas na internet, referências de outras trançistas e o trabalho em conjunto com Malu surgem novas criações e adaptações de criações existentes.

Nós, humanos, moldamos objetos, como Luiza que molda diferentes tipos de tranças e faz a utilização de materiais que também foram pensados e desenvolvidos por alguém, e são esses cabelos que formam pessoas que entram no salão com objetivos diversos e saem deles com distintas relações que definem e estruturam as relações sociais (Miller, 2013).

Cada dia no salão da Luiza é único. Os encontros e as conversas são sempre singulares, tanto aqueles estabelecidos com ela quanto aqueles com suas clientes. A pesquisa sistemática permitiu uma maior compreensão da vasta base conceitual necessária para que o trabalho de campo seja prolífico e objetivo ao mesmo tempo. E venha a produzir novos conceitos. É o campo que nos traz perguntas e nos mostra por onde seguir. Ao longo desse tempo investigando com Luiza pude desfazer algumas de minhas convicções e estive aberta a escutar o que ela tinha para me falar e me mostrar sobre o seu universo. Sem dúvidas, estar aberta a essas mudanças me proporcionou ter uma maior flexibilidade na pesquisa fazendo com que ela tivesse uma fluidez.

Durante todo o trabalho de campo e também por meio de estudos feitos junto à literatura específica e conceitual, concluo que o salão de beleza tem um papel para além de “mudar o visual”. Muitas das vezes o salão pode ser visto como um “centro de convivência”, tendo como princípio que a maioria do público do ambiente em que investigo é composto por mulheres negras periféricas que encontram ali um espaço de socialização, criando em conjunto uma identidade para além da beleza negra (Fry, 2002). Nem sempre o foco de um cliente é esconder seu cabelo, as vezes parte de um desejo de causar estranhamento no outro ou agradar o marido ou até mesmo buscar um penteado mais fácil para o dia a dia. Como podemos propor com Patricia Hill Collins (2019), o salão de tranças se constitui em um desses espaços para a autodefinição negra, escapando assim de estereótipos que com frequência insistem em colar nas pessoas negras”.

REFERÊNCIAS

Hill Collins, Patricia. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record**, p. 303-325, 2002.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 37-47, 2015.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIZRAHI, Mylene. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Mana**, v. 25, p. 457-488, 2019a

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.